

## MONUMENTOS EPIGRÁFICOS ROMANOS DO MUSEU DE SINES

Expõem-se no Museu Arqueológico de Sines quatro monumentos epigráficos romanos que, por especial deferência do seu director, pude estudar a 9 de Abril de 1992. Circunstâncias várias determinaram que só agora o resultado desse estudo pudesse vir a lume<sup>(1)</sup>.

### 230

Pedestal votivo, de mármore de S. Brissos, retirado, por volta de 1983, da torre rectangular oca que olha a sul, no castelo de Sines<sup>(2)</sup>.

---

<sup>(1)</sup> Do pedestal a Marte, atendendo à sua importância, apressei-me a dar informação com uma nota intitulada «No tempo dos Romanos, Sines teve uma estátua do deus Marte» que foi publicada nos jornais *O Distrito de Setúbal* (a 18.08.1992, p. 12) e *Litoral Alentejano* (Out/Nov. 1992, p. 3). Referi, ainda, a sua existência na p. 317 da comunicação «Arqueologia e Epigrafia — uma complementaridade a potenciar» (*Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 33 1-2 1993 pp. 313-327, com foto) e na recensão ao livro de Juana RODRÍGUEZ CORTÉS, *Sociedad y Religión Clásica en la Bética Romana* (Salamanca, 1991) inserida no vol. 30 (1991) da revista *Conimbriga* (p. 183).

Agradeço ao Dr. José Miguel Costa as facilidades concedidas e as informações complementares que teve a gentileza de me fornecer.

Este trabalho foi integrado nas missões conducentes à elaboração do novo CIL II, tendo contado, portanto, com o apoio da Academia de Ciências de Berlim. Cumpre-me também agradecer o patrocínio da Caixa de Crédito Agrícola de Santiago do Cacém e do Clube Europeu de Arqueologia da Escola Secundária de Santo André (então dinamizado pela Dra. Filomena Barata).

<sup>(2)</sup> Sines incluir-se-ia no território de *Mirobriga* (Santiago do Cacém), *conventus Pacensis*. Cf. Jorge ALARCÃO, *Roman Portugal*, Warminster, 1988, II-3, p. 172, 7/19.

Bastante estragado devido aos maus tratos por que passou, nomeadamente aquando da reutilização quer como peso de lagar quer, posteriormente, ao ser integrado na muralha. Apresenta, por isso, no topo superior, uma concavidade central para assentamento do eixo do sarilho do lagar; e nas faces laterais foram abertas as ranhuras para os queixais de madeira: medem, a do lado esquerdo, 92 x 8/19, a do lado direito 42 x 8/19. Face posterior alisada.

Campo epigráfico levemente rebaixado, limitado por ranhura, a que se segue, para o interior, moldura em forma de garganta reversa. A superfície epigrafada sofreu os efeitos da erosão; no entanto, apenas as três últimas linhas têm a leitura dificultada.

Dimensões: 96,5 x 54,5 x 41,5

Campo epigráfico: 57,5 x 38,7

SIGNVM/MARTI/AVG(*usto*)/CICERIVS/<sup>5</sup>IVVENA/LIS ·  
 AVGVSTALIS/EX TEST(*amento*) · PO/NI · IVSSIT · /MA[S?C?]LI·  
 ON(*us?*) · /SIVE · RAICIRRI/<sup>10</sup>[...] P(*onendum*) [?] · C(*uravit*)

Estátua a Marte Augusto. Cícério Juvenal, augustal, mandou colocar, por testamento. Mascliono (?), também chamado Raecirri[...], (...) tratou de colocar.

Altura das letras: 1. 1: 4,3; 1. 2 a 5: 4,4: 1. 6: 4,4 (L=1,9, I=1,7, S=2,2); 1. 7: 4,4; 1. 8 e 9: 4,3; 1. 10: 4,4. 1. 11: 3,5? Espaços: 1: 3,5; 2: 1; 3: 0,7; 4: 0,6; 5 e 6: 0,8; 7 e 8: 0,7; 9: 0,8; 10: 0,5; 11 e 12: ?

Paginação cuidada, segundo um eixo de simetria, apenas quebrado no final da l. 6, em que as três últimas letras tiveram de ser grafadas em módulo menor. Sente-se a presença das linhas auxiliares, dada a circunstância de os vértices de algumas letras apresentarem pequena barra horizontal (vejam-se, por exemplo, os N e os M). Pontuação triangular, que também obedece, aqui e ali, a motivações estéticas.

Os caracteres, grafados com badame, são monumentais quadrados, largos, regulares; exceção será o A do fim da l. 6 que, devido à exiguidade do espaço (apesar da utilização do nexa AV), mais parece um lambda. O C apresenta-se bastante fechado; o G tem haste breve, a enrolar para o interior; o T detém barra curta.

A epígrafe reconstitui-se sem dificuldade até à antepenúltima linha. Aí, o desgaste verificado na zona central aliado à raridade do

antropónimo leva a sugerir MASCLION com alguma reserva. Na verdade, encontra-se atestado o cognome *Mascellio*, inclusive na Península Ibérica<sup>(3)</sup>, designadamente identificando libertos; *Masclionus* poderá corresponder a uma variante desse nome, e a preferência por *Masclionus* em relação a *Masclion* (que seria mais normal) radica somente no facto de que de *Masclionus* se conhece um outro testemunho (AE 1969-1970 439). Kajanto não o inclui no seu rol dos cognomes latinos<sup>(4)</sup> e Solin não detectou nenhum *Masclion* entre os cognomes gregos de Roma<sup>(5)</sup>.

A seguir, *sive* parece não oferecer dúvidas, até porque está bem visível o ponto distinguente. Do maior interesse seria, como é óbvio, aclarar-se essa alcunha, porquanto as sílabas CIRRI apontam verosimilmente para vocábulo formado a partir de um topónimo pré-romano, embora, de momento, seja difícil dizer qual: RAECIR-RITANVS?... Seria esse o topónimo identificativo da Sines romana ou pré-romana? Creio que não, porque, como é sabido, alguém só é identificado pela naturalidade quando não está na sua terra.

A última linha, de caracteres mais pequenos, tem resistido a todas as tentativas de leitura. Poderá conter, no início, a conclusão do nome da linha anterior, a que se seguirá, possivelmente, a menção do cargo (SEVIR?) ou da ligação familiar com o dedicante (HAERES?). A fórmula *ponendum curavit*, passível de vislumbrar-se no final, em siglas, não oferecerá problema: na verdade, à segunda personagem competiu dar cumprimento à disposição testamentária de Juvenal.

O texto é deveras inusitado, no conjunto da epigrafia romana peninsular. Testemunha um culto público, em que, pela junção do epíteto Augusto, o deus Marte vem associado ao culto imperial, o que, de resto, não admira, se considerarmos que é augustal o dedicante. Curioso o facto de o dativo *Marti* — em vez de um genitivo que apenas teria uma função «explicativa» — acentuar a ideia de oferta: Cicério Juvenal oferece uma estátua a Marte<sup>(6)</sup>. Ora, esta ati-

---

(3) Cf. ILER 3885 (de Córdoba), 4907 (de Soria, leitura corrigida), 5589 (de Tarragona), 5607 (de Astorga), 5825 (numa *tessera hospitalis* de Segisama).

(4) Iiro KAJANTO, *The Latin cognomina*, Helsínquia 1965, Roma<sup>2</sup>1982.

(5) Heikki SOLIN, *Der griechischen Personennamen in Rom — Ein Namenbuch*, Berlim, 1982.

(6) Recordem-se os actos de benemerência de *C. Cantius Modestinus*: nas inscrições que identificam os temples que ofereceu, o teónimo vem em dativo

tude exemplifica o que era habitual entre os augustais: a oferta de estátuas de deuses (?); e, por outro lado, um culto também habitual, o de Marte Augusto<sup>(8)</sup>.

A inscrição ILER 2054 (=CIL II 1956), de Cártama (Málaga), dá conta de que a sacerdotisa Júnia Rústica, além de outras benesses com que brindou o município Cartimitano, «signum aereum Martis in foro posuit». Em Andújar (Jaén), Aulo Terêncio Rústico, *pontifex maximus* do *municipium Triumphale*, manda também erigir uma estátua a Marte Augusto, em cerimónia acompanhada de representações teatrais<sup>(9)</sup>. De resto, na Bética, como Juana Rodríguez salientou (*o. c.*, pp. 76-81), são relativamente abundantes as dedicatórias a Marte Augusto, onze no total, boa parte delas da iniciativa de sêxviros, de sacerdotes e de libertos. Numa delas (CIL II 1949 = ILER 234, *ibidem* pp. 78-79), também de Cártama, é ao herdeiro (como em Sines?) que compete mandar erigir a estátua; e o formulário usado é precisamente o mesmo: *testamento poni iussit*.

Já tive ensejo de sugerir (1993, p. 317) que poderia ter sido o *forum* o lugar onde este monumento foi implantado. Os escassos dados de que, por enquanto, dispomos acerca do estatuto de Sines ao tempo dos Romanos levam a considerar esta uma hipótese a esclarecer, tanto mais que a célebre inscrição do farol da Corunha<sup>(10)</sup> — uma consagração a Marte Augusto da iniciativa do *architectus aeminiensis C. Sevius Lupus* — é também um pedestal escavado na rocha, circunstância de que só muito recentemente (na visita aí efectuada,

---

— GENIO MVNICIPI TEMPLVM, por exemplo. Cf. Vasco MANTAS, «Evergetismo e culto oficial: o construtor de templos C. Cantius Modestinus», *Religio Deorum*, Barcelona, s/d., pp. 227-250.

<sup>(7)</sup> Cf. Robert ÉTIENNE, *Le Culte Impérial dans la Péninsule Ibérique d'Auguste à Dioclétien*, Paris, 1958 (reimp. 1974), p. 280.

<sup>(8)</sup> Cf. ÉTIENNE, *o. c.*, p. 277, onde refere CIL II 3336, 1301 e 1515.

<sup>(9)</sup> CIL II 2121 = ILER 2080 e 6076. No livro de Juana Rodríguez Cortés referido na nota 1, este monumento é estudado nas pp. 77-78: de acordo com o raciocínio anterior, preferiria desdobrar MART(i) AVG(usto) em vez de MART(is) AVG(ustum) que, certamente por lapso, a autora apresenta.

<sup>(10)</sup> Sobre esta epígrafe: Patrick LE ROUX, «Le phare, l'architecte et le soldat: l'inscription rupestre de la Corogne (CIL II 2559)», *Miscellanea Graeca e Romana* XV 1990 133-145; Gerardo PEREIRA MENAUT, *Corpus de Inscripciones Romanas de Galicia: I. Provincia de A Coruña*, Santiago, 1991, n.º 2; e RODRÍGUEZ COLMENERO (Antonio), «Corpus de inscripciones rupestres de época romana del cuadrante NW de la Península Iberica», *Saxa Scripta (Inscripciones en Roca)*, (Anejos de Larouco, 2), A Coruña, 1995, pp. 213-216.

em Julho de 1992, por ocasião duma reunião sobre epigrafia rupestre) me apercebi e que não fora referida nas publicações. A semelhança das suas situações é flagrante: em ambos os casos, estamos junto a portos de mar importantes na época romana.

O dedicante identifica-se simplesmente como *augustalis* e não como *sevir*. Não valerá, decerto, a pena voltar a discutir a diferença, inclusive de âmbito cronológico, de utilização de um ou outro termo, de que já Robert Étienne sobejamente se ocupou (*o. c.*, pp. 273-275). Sacerdote do culto imperial, apresenta, porém, uma onomástica completamente alheia à Península Ibérica, se tivermos em consideração os escassíssimos testemunhos epigráficos documentados. Do *nomen Cicerius* não encontrei mesmo nenhum exemplo e no rol onomástico do AE de 1961 a 1980, só se regista *Ciceri[us] Homuncio* (AE 1974 522). Da atribuição do nome *Iuvenalis*, por seu turno, José Vives só apresenta um caso: ILER 5821, de Porcuna (Jaén); no conjunto do CIL, Kajanto (*o. c.*, p. 300) contou 86 exemplos, dos quais apenas 4 se referem a escravos ou libertos.

De particular interesse se reveste ainda a ocorrência do *signum*, precedido de *sive*. Como escreve Battle<sup>(1)</sup>, a alcunha «a princípio, só se encontra em inscrições de gente plebeia; nas dos aristocratas introduz-se no século III e torna-se frequente no IV». No CIL II, a darmos fé ao que se anota nos índices (p. 1200), o *signum* apenas se registou nas inscrições n.ºs 2870, 3009 e 3042, mas precedido de «qui et» e não de «sive»; EE IX 192 traz a inscrição dum mosaico de Itália que Hirschfeld interpretou «Perissoterus q(ui) dicit(ur) Alexsander». Este caso único confere, pois, o maior relevo histórico ao monumento, justificando que se possa sugerir para as personagens envolvidas na sua construção o estatuto de imigrantes, porventura itálicos, característica perfeitamente aceitável atendendo à localização geográfica de Sines e à sua actividade como entreposto marítimo.

O modo de identificação das personagens (ausência de *praenomen* e uso da alcunha) assim como a paleografia sugerem como datação a segunda metade do século III.

---

(1) Pedro BATTLE HUGUET, *Epigrafía Latina*, 1963.

Ara funerária, de mármore de S. Brissos, retirada, ao Verão de 1983, juntamente com a anterior, do cunhal esquerdo da torre rectangular oca, voltada a sul, do castelo de Sines. Foi reutilizada como peso de lagar: a face dianteira, que tinha a inscrição inserida num campo epigráfico rectangular limitado por ranhura singela, foi, por isso, cortada para nela se encaixarem as respectivas peças de madeira. Na face lateral esquerda, ostenta, em baixo-relevo, um jarro de bojo elíptico, boca comprida, asa redonda a tocar o bojo na sua zona média e a curvar para fora, pé triangular, amplo. Do lado direito, uma pátera sem cabo, de largo bordo em relevo; no centro, esmurrado, o *umbo*.

Dimensões: 114,5 x 50 x 30. Jarro: 29 x 14,5 (no bojo); diâmetro exterior da pátera: 18,5/17,5.

Campo epigráfico: 44,3 x 37,6.

D(is) [M(anibus) S(acrum)] / FA[...] / A[...] / M[...] / <sup>s</sup> H[...] / L · S · MV[...] / MEREN[...] / ET SOCERI[...]

Altura das letras: 1. 1: 5; 1. 2: 4,7; 1. 3: 4,4; 1. 4 e 5: 4,6; 1. 6 e 7: 4,4; 1. 8: 2,5. Espaços: 1: 1,4; 2: 1; 3 e 4: 1,2; 5: 1; 6: 1,1; 7: 1,3; 8 e 9: 0,3.

Cuidadoso alinhamento à esquerda. Caracteres actuários, largos, de barras horizontais levemente onduladas.

Não suscitará dúvidas o desdobramento inicial, da invocação aos Manes. Na 1. 5 poderão estar as habituais fórmulas funerárias H(ic) S(itus, a) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis). Na antepenúltima linha ser-se-ia tentado a identificar o dedicante, que poderia ter o *praenomen* *Lucius*, o gentílico em sigla (S.) e o *cognomen* começado por MV. Na linha seguinte, o adjectivo MERENTI ou MERENTISSIMO, -AE, afigura-se boa sugestão; no entanto, se a leitura da última linha está correcta — apesar do inusitado genitivo —, a referência ao SOCER, feita em caracteres mais pequenos, aponta para um acrescento; ou seja, as cinzas do sogro poderão ter vindo juntar-se às do defunto para que, a princípio, o monumento fora pensado.

De acordo com os poucos dados textuais subsistentes, é epígrafe datável da segunda metade do século II.

Base de ara funerária, de mármore de S. Brissos, de cujo campo epigráfico, limitado por ranhura, resta a parte inferior, sem quaisquer letras. Foi achada à superfície do terreno, entre a muralha do castelo de Sines e a igreja matriz, no antigo cemitério da vila, tendo dado entrada no Museu em 1965.

O monumento foi partido para a reutilização e só do lado direito se pode observar a molduração: um toro seguido de garganta reversa com ranhura no final; desse lado, apercebe-se a terminação do cabo da pátera; o monumento teria, decerto, do lado esquerdo, um jarro.

Dimensões: 66 x 64/(70,5) x 32/39,5.

Monumento actualmente anepígrafo, que poderá ter sido uma ara. De mármore de Trigaches, procede da Herdade do Salto, sita junto à barragem do Roxo (Ervidel, Aljustrel). Foi achada — segundo amavelmente me informou José Miguel Costa — «quando se lavrava a tractor, em 1991, e oferecida ao Museu de Sines, a meu pedido, pelo tractorista, autorizado pelos proprietários da herdade. Segundo o achador, a pedra servia de tampa a um poço com galerias laterais, que não estava entulhado e se situava no cimo da colina voltada à barragem e dela separada pela estrada; foi arrastada pela encosta, atravessou a estrada e subiu a rampa até ao ‘monte’, para ser utilizada na construção de instalações agrícolas; infelizmente, a face anterior ficou voltada para o chão e, ao ser transportada, ficou muito maltratada».

Ostenta, na face superior, três orifícios — certamente para a sua utilização como peso de lagar.

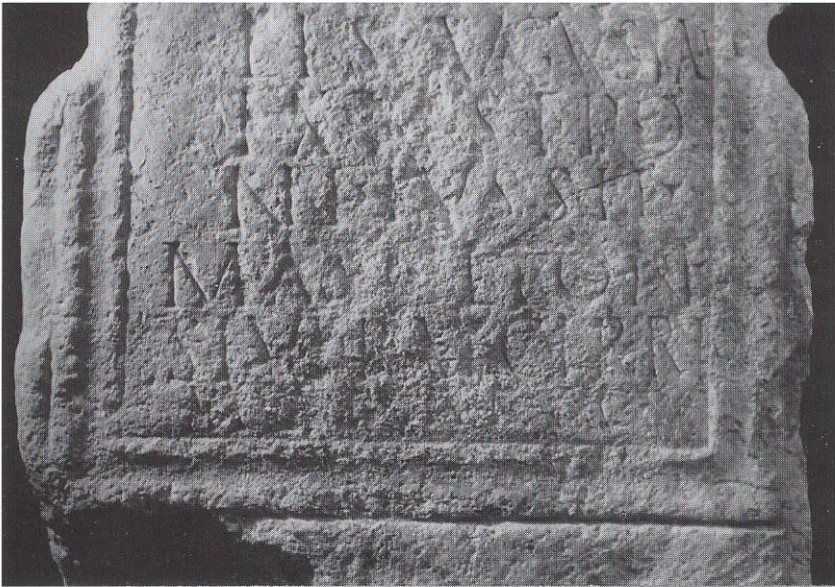
Mede 93 x 65 x 29.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

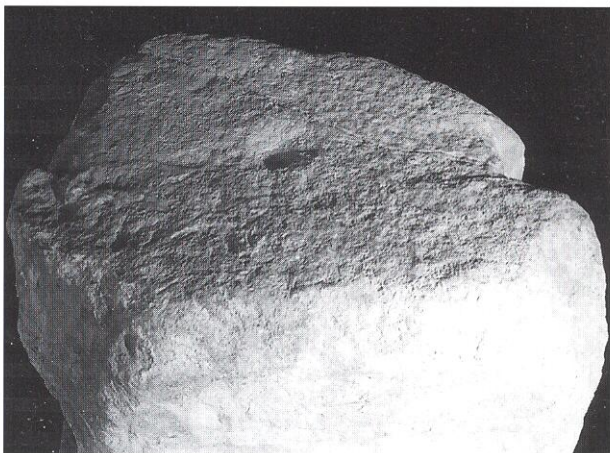


230





230 — *Pormenor das últimas linhas*



230 — *Topo superior*



Guilherme Cardoso

230 — *Vista lateral direita*



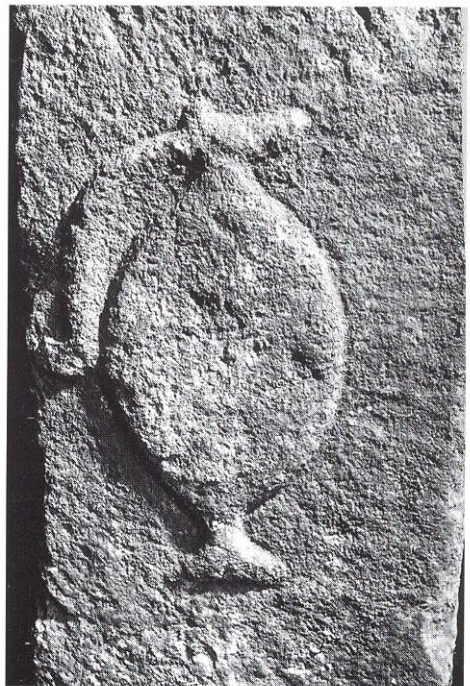
Guilherme Cardoso

231

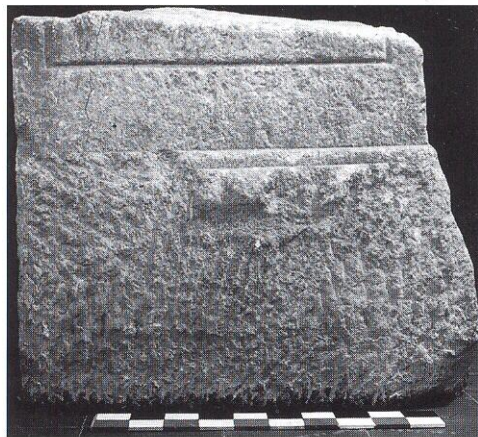
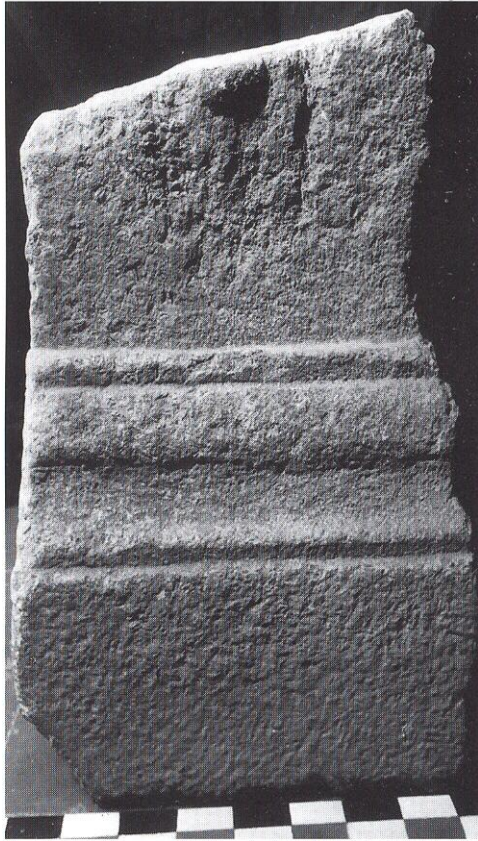


231 — *Vista lateral direita*

Guilherme Cardoso



231 — *Vista lateral esquerda*



Guilherme Cardoso

232



233

*Ficheiro Epigráfico*, 51, 1996

Ficheiro Epigráfico  
Instituto de Arqueologia  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
ISSN: 0870-2004